

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A CRIANÇA: O OLHAR DE EDUCADORES SOCIAIS SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR

Gabriela Luchetti dos Santos¹; Bianca Stefany Dias de Jorge²; Layser Canali Pereira da Silva³; Jeferson de Souza Sá⁴; Rute Grossi-Milani⁵

^{1,2}Acadêmicas do Curso de Psicologia, Universidade Cesumar - UNICESUMAR, Maringá/PR.

¹Bolsista do PIBIC/ICETI-UniCesumar. gabriela_luchetti@hotmail.com, biancas.dias97@gmail.com

³Psicóloga e Mestranda em Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Bolsista Capes, Maringá (PR).

⁴Coordenador, Psicólogo, Mestre e Doutorando em Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Bolsista Capes. jefersonsouzasa@gmail.com

⁵Orientadora, Doutora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR; Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação. Bolsista Produtividade em Pesquisa do ICETI. rute.milani@unicesumar.edu.br

RESUMO

A violência intrafamiliar contra a criança pode causar diversas consequências, além disso, podem apresentar sinais de que são vítimas deste fenômeno, por meio do desempenho escolar. A presente pesquisa visa compreender quais os impactos da violência intrafamiliar no desempenho escolar da criança, sob a percepção dos educadores sociais. Para tanto, a metodologia empregada consistiu em uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, realizada em Organização não Governamental, na região noroeste do estado do Paraná, Brasil. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro educadores sociais, sobre crianças matriculadas na instituição com histórico ou suspeita de sofrerem com a violência intrafamiliar. O roteiro de entrevista, enfocou os impactos no desempenho escolar, devido ao contexto de violência e vulnerabilidade vivenciado pelas crianças. As entrevistas com os educadores foram transcritas na íntegra, e posteriormente procedeu-se a análise de conteúdo, segundo Bardin. Foi possível compreender, de acordo com a percepção dos educadores sociais, que o contexto de vida da criança, permeado pela violência intrafamiliar, interfere de maneira negativa no desempenho escolar. Além disso, a criança pode apresentar sentimentos de vergonha e insegurança, que prejudicam seu aproveitamento escolar. Conclui-se que o profissional da educação tem papel decisivo ao olhar para a criança em vulnerabilidade como um todo, analisando o seu contexto de vida, para que seja possível oferecer intervenções adequadas de acordo com as especificidades da criança. Salienta-se o dever da escola em parceria com o setor da saúde de desenvolver ações que possam contribuir para a promoção da cultura da paz e prevenção da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Infantil; Educadores; Crianças; Apoio Pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

A violência intrafamiliar é definida como toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família (DIREITOS HUMANOS, 2018). Pode ocorrer dentro ou fora de casa, sendo cometida por algum membro da família ou pessoas que passam a assumir função parental (BRASIL, 2002).

A violência intrafamiliar contra a criança, está relacionada à vulnerabilidade social. Culturalmente o ato de bater é considerado uma estratégia eficaz para disciplinar e corrigir a criança, assim, a violência física, tolerada socialmente, justifica-se como necessária ao processo educativo. Contudo, estudos apontam que, as consequências disso são negativas, tanto para a saúde física e psíquica, quanto social da criança, e reverberam no déficit de aprendizagem e nos problemas psicossociais. (MOREIRA; SOUZA, 2012; BRASIL, 2018).

A noção de vulnerabilidade social refere-se à ideia de grupos ou indivíduos que se encontram em situação de fragilidade e dependência socioeconômica, necessitando de auxílio ou proteção para garantia de seus direitos perante a constituição. Este conceito não está necessariamente interligado às questões econômicas em que o sujeito se encontra, mas pode apresentar relações com a estrutura da desigualdade social, interferindo no grau de vulnerabilidade que a criança possa se encontrar. Em determinadas situações, o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde psíquica, cognitiva e as relações sociais (FONSECA et al., 2013).

O Ministério da Saúde destaca que no ano de 2006 foi lançada a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) e revisada em 2014, como forma de priorizar a qualidade de vida, prevenção de violências e implantação de ações institucionais que visam estimular a cultura da paz diante de crianças e adolescentes que possam apresentar sinais de vulnerabilidade social e/ou violência (BRASIL, 2010).

Além disso, as instituições educacionais se tornam um lugar adequado e de extrema importância para a identificação de casos de violência contra crianças, já que esse local permite o encontro cotidiano entre alunos e profissionais, além de proporcionar o estabelecimento de afetividade, confiança e proteção, possibilitando um espaço de ações educativas em saúde sobre a temática da violência contra a criança (CASCARDO & GALLO, 2018). Segundo o Ministério dos Direitos Humanos, a instituição educacional deve auxiliar na identificação dos casos e acompanhamento no âmbito escolar, prevenindo consequências como a evasão escolar, o que consequentemente pode interferir no desempenho escolar da criança (BRASIL, 2018).

Ademais, é da obrigatoriedade o ato de se notificar a violência, compreender o comportamento e desenvolvimento da criança no ambiente educacional é necessário para notificar e propor ações de promoção da saúde, que visam a cultura da paz. Diante disso, este estudo tem como objetivo buscar compreender qual o reflexo da violência intrafamiliar no desempenho escolar da criança, por meio da percepção dos educadores sociais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido a partir do levantamento de dados em campo de cunho exploratório descritivo, de caráter qualitativo. A pesquisa foi realizada com 4 educadores sociais de uma Organização não Governamental, em uma cidade no interior do estado do Paraná, Brasil. Essa associação sem fins lucrativos tem como missão o apoio escolar, a partir da aplicabilidade de atividades culturais, lazer e conscientização do papel social, direcionado ao acolhimento de crianças com vulnerabilidade social em contraturno escolar.

Para abordar sobre o desempenho escolar, os educadores sociais indicaram 13 crianças atendidas pela instituição que se encontram em situação de vulnerabilidade social e econômica que necessitam de apoio escolar e financeiro. Os educadores sociais consideram que essas crianças sejam possíveis vítimas de violência intrafamiliar, condição que pode interferir no desempenho escolar.

Para a realização desta pesquisa, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, gravada e aplicada com os educadores sociais de forma online e presencial durante os meses de novembro e dezembro de 2020, seguindo os protocolos de segurança da COVID-19. Os participantes foram devidamente informados do objetivo da pesquisa e da gravação da entrevista, garantindo o anonimato, o sigilo das informações e o direito de recusa ou abandono da pesquisa, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição e aprovado pela CAAE n. 36451320.7.0000.5539.

A entrevista aplicada teve como objetivo, a percepção dos educadores acerca da violência intrafamiliar contra a criança e o reflexo em seu desempenho escolar.

Posteriormente as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, em seguida realizada a análise de dados, por meio da análise de conteúdo, com a finalidade de descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação, sendo ela uma técnica de investigação (BARDIN, 1977).

Com o intuito de manter o sigilo dos participantes, os nomes foram substituídos por letras do alfabeto E, representando o educador social. Seguido de ordem numérica, indicando e diferenciando cada educador social: E1, E2, E3 e E4. As crianças tiveram os nomes substituídos pela letra C, desta forma as letras foram sequenciadas por números sendo: C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9, C10, C11, C12 e C13.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado da pesquisa, nota-se nos relatos que a maioria dos educadores percebe a violência intrafamiliar como um fenômeno que se dá pelos próprios familiares ou por quem cumpre essa função parental, ocorrendo dentro de casa. A identificação de casos de violência intrafamiliar nas crianças, verifica-se por meio de comportamentos, pelo desempenho escolar, pelas atitudes ou por relatos da própria vítima. A pesquisa de Flores et al. (2016), aponta que os professores não possuem conhecimento sobre a violência contra a criança, tal fato pode abrir uma discussão para a falta de inaptidão em identificar esses casos no ambiente escolar. Apesar dos educadores sociais apresentarem compreensão acerca do conceito, está ainda se apresenta de forma empobrecida e, não abrange todas as modalidades de violência intrafamiliar.

A provável violência intrafamiliar é percebida pelos educadores sociais através dos comportamentos e pelo desempenho escolar, pois o baixo desempenho escolar é uma das consequências para a criança vítima deste tipo de violência (DIAS, 2013; REIS; PRATA; PARRA, 2018).

Dentre as consequências da violência intrafamiliar contra a criança, destacam-se aquelas observadas nas funções cognitivas e emocionais, na dinâmica escolar e social, diante disso, o baixo desempenho escolar, a dificuldade de aprendizagem, pouco aproveitamento, repetência e necessidade de educação especial, são sintomas dessa violação (DIAS, 2013).

De acordo com o Ministério da Saúde existem vários tipos de violência como por exemplo violência física, negligência, violência sexual, violência psicológica e abandono, as quais podem ocorrer dentro ou fora de casa, sendo praticada por algum membro da família ou pessoas que passam a assumir função de responsável da criança (BRASIL, 2018).

No que se refere ao desempenho escolar, foram relatados pelos educadores sociais em relação ao baixo desempenho escolar, as seguintes atividades:

Tabela 1: Atividades pedagógicas categorizadas com baixo desempenho escolar sob a percepção dos educadores sociais

Atividades Pedagógicas	Relatos dos Educadores Sociais
Fixação/assimilar conteúdo	[...] tem uma dificuldade pedagógica, de fixação, ele não fixa as coisas, então ele vem com as atividades da escola, às vezes sem copiar, sem fazer, porque ele precisa de ajuda aqui (E1 - C10). [...] não tem assimilação de conteúdo que a gente espera como as outras crianças da idade dele tem [...] no caso dele, ele tinha que fazer mais, buscar outras estratégias para atingir ele, então nem sempre ele conseguia entender (E3 - C9). Ele tenta fazer as atividades, mas ele precisa de muito auxílio para realizar as atividades, por conta do problema de fixação, você explica para ele a atividade agora, depois do intervalo, a hora que volta, ele não lembra o que estava fazendo, então para ele ter aquela concentração para continuar as atividades (E1-C11). A dificuldade dele é tão forte, tão gritando assim, que se você colocar o alfabeto, coloca três letras na frente dele, e fala o nome dessas três letras e pede pra ele repetir, ele já esqueceu (E2 - C7).
Português (leitura; escrita)	[...] a leitura é péssima, não gosta, como já tem uma dificuldade de ler, sabe assim... silábica, a criança não vai gostar, porque ela não consegue desenvolver (E1 - C10). [...] acho que leitura é pior pra ela, português é mais difícil pra ela [...] muita dificuldade na junção silábica (E1 - C12). Ele é um caso muito difícil, ele tem uma dificuldade enorme de tudo, memorização, leitura, escrita, alfabetização mesmo crua, ele se brincar erra o próprio nome (E1-C7). Faz cópia muito bem, mas não consegue ler, não consegue responder. (E2-C12). Português, oficina de letras, em ler e reconhecer as letras. Por conta disso foi encaminhada para sala de apoio (E4-C1). [...] até na escrita era complicado, não tinha uma escrita formidável (E3 - C11).

<p>Aulas práticas (artes; educação física)</p>	<p>[...] ela não gostava nem de fazer atividade física, prática, tudo que envolvesse o corpo para fazer alguma atividade, ela não aceitava, correr, jogar algum jogo, queimada, jogar bola, ela não gosta, ela quer ficar sempre quietinha no canto dela [...] Ela odeia o coral, não gosta da aula de dança. Toda vez que chega esse momento é uma tortura para ela (E2 - C5). agora outras atividades que exigia mais disposição dela, como arte, educação física, ela não gostava, ela ficava bem assim "aí não consigo, não sei fazer" então ela se negava a fazer, se fechava (E3 - C5). Tinha dificuldade de fazer as atividades de educação física por vergonha do professor, da figura masculina (E1-C1). Ele não tem nenhuma matéria que tenha dificuldade. Só não gostava das aulas de dança[...] (E2-C9). Na educação física, ela também tem vergonha de fazer, ela fala que não gosta de fazer, mas se você faz junto com ela, ela faz (E4-C1). [...] eu observo que ele tem um atraso em relação aos outros alunos [...] em relação aos conteúdos, talvez uma dificuldade, na coordenação também, ele é bem quadrado, ele não, desenvolve as aulas como os outros alunos, mesmo as aulas práticas né, ele é bem travado, eu acredito que seja um pouco isso [...] ele não tem uma coordenação motora tão ágil como as outras crianças, talvez o desenvolvimento dele esteja um pouco atrasado, ou ele não pratica nenhum tipo de esporte ou mesmo brincar com outras crianças, no tempo fora da escola talvez, porque a gente sabe que o maior tempo dentro da escola, eles ficam sentado, tem aula de educação física e tudo mais, mas não sei se é suficiente para agilizar esse desenvolvimento [...], até nas aulas de artes, ele tinha uma certa dificuldade, por exemplo, na pintura né, no desenho (E3 - C11)</p>
<p>Atividade em geral</p>	<p>[...] ele tem muita dificuldade de aprendizado [...] ele participa da sala de apoio, mas o desenvolvimento dele é bem lento [...] Ele tem dificuldade até em cópia, coloca um texto pra ele copiar, colocou ele pra copiar, ele ainda vai copiar errado (E2 - C7). Tem muita dificuldade na questão de aprendizado, eu lembro que até ano passado ele não tinha muito foco sabe, mas também não demonstrava muito interesse (E3 - C7). Ele não tem facilidade em nenhuma matéria. Não tem facilidade na leitura, não memoriza números e não consegue contar até 100 (E1-C7). [...] pelo pouco tempo deu pra observar que ele tinha dificuldade em tudo, porque como ele era primeiro ano, mas ele não tinha uma base (E4-C13). [...] Na verdade não posso te afirmar qual é a verdadeira dificuldade dele, eu sei que ele não fazia nada na sala [...] aí ele foi para mim (E1-C13). Um pouco de dificuldade, mas porque não tem interesse tanto em letras como números (E2-C10). Apresenta muita dificuldade de aprendizagem, tanto em letra como em números (E2-C12). [...] comparando com as crianças da idade dele, ele não conseguia escrever nem o próprio nome. Porque normalmente quando chegam aos 6 anos, geralmente as crianças já conseguem escrever palavras concretas, o nome, já sabe o alfabeto, já sabe contar até um determinado número (E3-C6).</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela 1 foi exposto os relatos dos educadores sobre o desempenho escolar das crianças e suas principais dificuldades de. Os educadores identificaram uma grande dificuldade de fixação e assimilação de conteúdos na disciplina de Língua Portuguesa, relacionados à escrita e leitura e também nas aulas práticas de Educação Física, pintura e desenho. Em atividades em geral, refere-se a baixa concentração, dificuldade nos conteúdos que envolvem números, bem como na escrita e leitura daquelas que estão em fase de alfabetização, além disso, lentidão, desinteresse e atraso no desempenho escolar.

No que se refere às aulas práticas, que incluem atividades esportivas, como futebol, queimada e atividades artísticas, percebe-se que em 4 crianças, a principal dificuldade para realizar atividades físicas é devido a vergonha ou algum tipo de desconforto em socializar. De acordo com Dias (2013), o sentimento de vergonha, é considerado um dano imediato da vítima de violência intrafamiliar.

Nas entrevistas realizadas com os educadores sociais, das 13 crianças indicadas, 5 apresentaram baixo desempenho nas atividades em geral. As questões que norteiam esta categoria, engloba atividades de estimulação cognitiva, podendo ser exemplificado no seguinte relato: “[...] ele tem muita dificuldade de aprendizado [...] ele participa da sala de apoio, mas o desenvolvimento dele é bem lento [...] Ele tem dificuldade até em cópia, coloca um texto pra ele copiar, colocou ele pra copiar, ele ainda vai copiar errado” (E2 - C7).

Compreende-se que as dificuldades de aprendizagem na criança estão associadas a contextos, tanto situacionais, quanto interpessoais. Se torna errônea a ideia de observar as dificuldades de aprendizado, considerando somente a criança em seu contexto isolado, como no ambiente escolar, por exemplo. No entanto, deve-se expandir esse olhar para suas relações intrafamiliares na qual a criança está inserida (SIMÕES, 2020).

Em relação à Língua Portuguesa, 5 crianças apresentaram atrasos na aprendizagem e 4 crianças evidenciaram dificuldades de fixação e assimilação do conteúdo. Percebe-se que este problema pode estar relacionado a outras dificuldades apresentadas pelas crianças nas demais atividades, além da dificuldade de concentração durante as aulas, que interfere totalmente no aprendizado da criança em geral. Questões estas, que estão permeadas tanto pelo fato das crianças estarem inseridas em um contexto de vulnerabilidade, como de possível violência intrafamiliar, conforme aponta a Moreira e Souza (2012), a violência psicológica, embora seja difícil sua identificação, as marcas são visíveis nas crianças, qual e produzem uma série de sintomas dentre eles a dificuldade de aprendizado e a insegurança. Uma criança insegura na escola, não produz tanto quanto outras crianças ditas seguras emocionalmente.

O estudo de Machado e Bottoli (2011), mostra que a violência intrafamiliar pode gerar consequências como a baixa concentração e irritabilidade na escola. Como apontado em nossos resultados, a dificuldade de fixação/ assimilação de conteúdo, que pode se dar por essa baixa concentração também, é relatado pelos educadores sociais, como no seguinte relato: “[...] tem uma dificuldade pedagógica, de fixação, ele não fixa as coisas, então ele vem com as atividades da escola, às vezes sem copiar, sem fazer, porque ele precisa de ajuda aqui” (E1 - C10).

Além disso, de acordo com Delanez (2018), qualquer violência sofrida pela criança, pode causar problemas de aprendizagem, como: pouca atenção, problemas de desenvolvimento, hiper ou hipoatividade, consequências essas, que podem ser identificadas nos seguintes relatos “[...] eu lembro que até ano passado ele não tinha muito foco sabe, mas também não demonstrava muito interesse” (E3 - C7); “[...] você explica para ele a atividade agora, depois do intervalo, a hora que volta, ele não lembra o que estava fazendo” (E1-C11).

Nota-se com os estudos e com os relatos dos educadores sociais, que a consequência que norteia o desempenho escolar da criança inserida em um contexto de violência, é em relação às funções cognitivas, tais como baixa concentração, nas quais refletem em todos os conteúdos ensinados pela escola para a criança.

As instituições escolares, por serem locais de socialização de grande parcela de crianças, é também, além da família, uma instituição que possibilita o desenvolvimento das crianças. A escola, junto com a família, permite a humanização e a educação; a construção da autonomia e o sentimento de estar inserido em um meio, que possibilita o pertencimento a uma sociedade (SIMÕES, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde (2002), o período escolar é fundamental para se trabalhar a saúde da criança e dos jovens na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para a prevenção de doenças e para o fortalecimento dos fatores de proteção.

É possível compreender a importância do papel dos educadores sociais diante do desenvolvimento das crianças, visto que o meio externo apresenta extrema relevância para o desenvolvimento humano, sobretudo no processo de aprendizagem. Sendo que, mesmo que o processo de desenvolvimento cognitivo ocorra de dentro para fora, o meio externo interfere na construção do aprendizado da criança, e, tendo em consideração que a afetividade possibilita a motivação para um bom desempenho pedagógico e mesmo que uma criança sofra algum tipo de violação de direitos é dever do educador social é possibilitar ferramentas de aprendizado e promoção da cultura da paz como forma preventiva da vulnerabilidade social no ambiente institucional (PIAGET; GRÉCO, 1974 apud SILVA et al., 2019).

A respeito do desempenho escolar categorizado como bons desempenhos das crianças, foram relatados pelos educadores sociais as seguintes disciplinas:

Tabela 2: Atividades pedagógicas categorizadas com bom desempenho das crianças sob a percepção dos educadores sociais

Atividades Pedagógicas	Relatos dos Educadores Sociais
Português e Matemática	Ela é boa em tudo que tiver que escrever, tudo que ela tiver que fazer sozinha concentrada, ela vai fazer muito bem caprichado (E2 - C5). Mas há aqueles conteúdos que ela gostava mais, por exemplo, português e matemática, desenvolvia fluidamente (E3 - C5).
Conteúdos diversos	[...] ela não tem dificuldades em nenhuma disciplina (E4 - C8). [...] então ele gostava de ler, ele gostava que eu lesse para ele, as vezes tinha aula de leitura, ele gostava que eu sentasse do lado dele e lia para ele [...] ele sempre demonstrou vontade de aprender, tanto que ele não participava das aulas de apoio, ele era um aluno que ele respondia ao aprendizado (E2 - C4). Ela faz todas as atividades com muito capricho e bonita. O irmão tem extrema dificuldade de aprendizado para fazer as tarefas e ela não tem, as vezes ela faz as tarefas dele, ela é muito ligeira. Na sala de aula, ela para e faz a atividade rápido, termina, já entrega e pergunta se alguém quer ajuda. Facilidade em todos os conteúdos E1-C8). Ele é bom em matemática, muito bom em desenho, desenha perfeitamente, até as meninas da sala pediam para ele fazer desenhos [...]. Ele não foi para sala de apoio nenhum momento. Muito bom em português, quando tinha aula de leitura, era bem baixinho, ele não se negava a ler, mas era uma leitura bem baixinha [...] (E2-C9). [...] oficina de ciências, por ter mais experiências (ex. se mistura à tinta amarela com a tinta vermelha, qual cor irá fazer?) e na hora de números, ela gosta bastante (E4-C1). [...] na verdade ela não tem dificuldade em nenhum conteúdo de sala de aula (E4-C2). Não tem dificuldade que precise de um apoio, ela tem dúvida, me pergunta, eu ajudo e ela consegue fazer, nada que precise de um auxílio maior (E4-C3).

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela 2, foi possível identificar que uma criança apresentou bom desempenho nos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática. Comparando com a tabela 1, na qual expõe o baixo desempenho, observa-se que a C5 apresenta bom desempenho em Língua Portuguesa e Matemática, mas nas aulas práticas, como Educação Física, se recusa a participar, como no relato: “[...] ela não gostava nem de fazer atividade física, prática, tudo que envolvesse o corpo para fazer alguma atividade, ela não aceitava, correr, jogar algum jogo, queimada, jogar bola, ela não gosta, ela quer ficar sempre quietinha no canto dela [...] Ela odeia o coral, não gosta da aula de dança. Toda vez que chega esse momento é uma tortura para ela” (E2 - C5). Discute-se a questão, de que a criança que sofre violência apresenta o sentimento de vergonha e isolamento social, tal consequência pode ser explicada por essa criança, já que as atividades práticas requerem interação com outros colegas e exposição do corpo.

Em relação aos conteúdos diversos, 5 crianças apresentaram bom desempenho, contudo com a C9, é possível observar que há incongruência em relação aos relatos de 2 educadores sociais, na tabela 1 foi exposto a seguinte fala: “[...] não tem assimilação de conteúdo que a gente espera como as outras crianças da idade dele tem [...] no caso dele, ele tinha que fazer mais, buscar outras estratégias para atingir ele, então nem sempre ele conseguia entender” (E3 - C9).

No entanto, na tabela 2 a percepção é diferente, “Ele é bom em matemática, muito bom em desenho, desenha perfeitamente, até as meninas da sala pediam para ele fazer desenhos [...]. Ele não foi para sala de apoio nenhum momento. Muito bom em português, quando tinha aula de leitura, era bem baixinho, ele não se negava a ler, mas era uma leitura bem baixinha [...]” (E 2-C9). Pode-se chegar a conclusão de que cada educador é responsável por uma turma, sendo que as turmas são divididas por idade e desempenho escolar, neste caso, em determinada idade, a C9 apresentou dificuldade de assimilação e fixação, podendo ter tido evolução em sua aprendizagem.

Neste caso, destaca-se a importância do papel do professor de ser o facilitador dentro da escola, onde o aluno possa ser o protagonista do processo ensino-aprendizagem, considerando as experiências vivenciadas pelo aluno em todo âmbito escolar (CARARA, 2017).

Historicamente, as instituições escolares de ensino são importantes espaços para o desenvolvimento de vivências e práticas em saúde, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) baseia-se de forma estendida no conceito de saúde, apresentando a promoção como um conjunto de estratégias e formas de produzir saúde, no âmbito individual e coletivo com intuito de garantia de direitos das crianças (DIAS et al., 2018). O espaço escolar tem sido utilizado para problematização e análise dos fatores determinantes das condições de saúde das crianças, evidentemente que por consequência a aplicação de estratégias de prevenção do adoecimento, de situações de risco e agravos à saúde, através da assistência clínico-terapêutica (COUTO et al., 2016).

O conceito de cultura de paz parte do princípio de que, tanto a violência como a paz são fenômenos desenvolvidos pelos seres humanos. Por um lado, é necessário entender que, como fenômeno social complexo, a violência, se exemplifica em grupos, pessoas, ações e relacionamentos que necessitam de transformação. Consequentemente, a paz, “precisa ser ensinada, aprendida e estimulada” para efetivação de mediações em torno da violência (BRASIL, 2017).

Partindo das condições de aplicabilidade da Política Nacional de Promoção da Saúde, observa-se que a cultura da paz vem sendo desenvolvida nos ambientes escolares, pois, a escola é o ambiente ideal para as pessoas desenvolverem o respeito, a responsabilidade e a cooperação, que são os princípios básicos da cultura de paz, visto que uma mediação adequada e eficaz na resolução de conflitos e sua aplicação no âmbito escolar contribui para a diminuição da violência e para a construção de um ambiente envolto pelos aspectos da cultura de paz (FAVARETTO; MUNHOZ, 2019).

As instituições escolares e instituições não governamentais de apoio ao ensino pedagógico vêm adotado mediações partindo do ideal da cultura de paz, seguindo parâmetros que são subdivididos em 4 etapas para o desenvolvimento adequado da promoção da saúde. A primeira etapa é a sensibilização, em que os educadores coletam dados para verificar se é viável a implantação do projeto no ambiente institucional. A segunda etapa é a resposta positiva ou negativa para a aplicação da mediação da cultura da paz. A terceira etapa é refere-se à capacitação, ou seja, o treinamento e o desenvolvimento dos educadores a fim de que se dediquem a adquirir as competências necessárias e apliquem as técnicas, ferramentas de mediação e comunicação, já em sala de aula. Além dos educadores sociais, nesta etapa também é realizado o trabalho com as crianças, membros da comunidade e a inserção dos familiares. Na quarta e última etapa ocorre a implantação de uma mediação de cultura da paz em uma instituição de ensino com sessões de mediação que visam a resolução de conflitos efetivos e o desenvolvimento da habilidade de lidar com conflitos futuros (FAVARETTO; MUNHOZ, 2019).

Os conflitos emocionais interferem no rendimento da criança, sendo assim, o papel da escola e do professor além de ensinar e promover o ensino aprendizagem, envolve a observação e a escuta das manifestações cotidianas da criança, especialmente o contexto familiar e os eventuais problemas (ROMAN; STEYER, 2001 apud CARARA, 2017).

Os educadores precisam ter ferramentas e condições mínimas para desenvolverem um trabalho adequado de intervenção de conflitos, como capacitação para conseguir identificar os casos e informações de como intervir diante de conflitos ou casos de violência contra a criança, possibilitar que os educadores tenham recursos para tomar medidas adequadas e de prevenção na escola, a fim de promover a cultura da paz por meio dessas intervenções (FAVARETTO; MUNHOZ, 2019).

Diante da metodologia utilizada pela instituição, estudos realizados por Mendes (2011), evidenciam a importância das intervenções serem realizadas em conjunto com

escola e família, dentro de um espaço adequado, discreto, que vise a melhoria na qualidade de vida da criança e a garantia de seus direitos enquanto cidadão.

Desta forma, é possível identificar que o contexto na qual a criança vive, como a vulnerabilidade social, está associada às possíveis violências intrafamiliares, como consequência disso, o desempenho escolar encontra-se prejudicado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto pela presente pesquisa, foi possível identificar que os educadores sociais compreendem que o desempenho escolar da criança que é vítima de violência intrafamiliar, não se desenvolve conforme esperado para cada idade. Percebem que as crianças que sofrem esse tipo de violência em seu contexto familiar, apresentam algum tipo de dificuldade na aprendizagem.

Além disso, conseguem identificar os casos de violência intrafamiliar das crianças, observando seus comportamentos ou o próprio desenvolvimento pedagógico, pois entendem que o contexto de violência interfere no aprendizado da criança.

Espera-se que o resultado deste estudo contribua para a melhor compreensão e capacitação dos educadores sociais na realização das intervenções efetivas diante dos conflitos apresentados no ambiente escolar, em relação ao desempenho escolar, além da importância dos educadores compreenderem as crianças em todos os seus contextos, visando a implantação da cultura da paz e a garantia de direitos das crianças no âmbito familiar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde: 2010.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos. Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Violência intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. Cadernos de Atenção Básica Nº 8, Série A: Normas e Manuais Técnicos, nº 131. Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Justiça. Projeto Juventude e Prevenção da Violência: Cultura da paz. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca-2/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/fbsp_termoparceria_1/eixo-3-cartilha-4-cultura_de_paz-2010.pdf>.

CASCARDO, Geysa Machado.; GALLO, Alex Eduardo. Mapeamento do conhecimento de professores sobre violência intrafamiliar. *Psicol. educ.* São Paulo, n. 46, p. 31-39, jun. 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752018000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

CARARA, Mariane Lemos. Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar. **Uniedu**, 2017.

COUTO, Analie Nunes et al. O ambiente escolar e as ações de promoção da saúde. **Cinergis**, v. 17, 2016.

DELANEZ, Geovana Oliveira. A violência intrafamiliar e suas consequências no desenvolvimento da criança. **Pucrs**, 2018.

DIAS, Maria Socorro de Araújo et al. Política Nacional de Promoção da Saúde: um estudo de avaliabilidade em uma região de saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 103-114, 2018.

DIAS, Débora. Violência intrafamiliar infantil e suas consequências. **Comporta-se**, Nov. 2013.

FAVARETTO, M. C.; MUNHOZ, P. S. N. School and family: the role of school mediation in building a culture of peace. **Scientific Electronic Archives**, v.12, n.5, 2019.
DOI: <https://doi.org/10.36560/1252019808>

FLORES, María Mercedes Márquez; et al. Teachers' Knowledge and Beliefs About Child Sexual Abuse. **Journal of child sexual abuse**, v. 25, n. 5, p.538 – 555, 2016. DOI: 10.1080/10538712.2016.1189474.

FONSECA, Franciele Fagundes et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, p. 258-264, 2013.

MACHADO, Tássia Brenner; BOTTOLI, Cristiane. Como os professores percebem a violência intrafamiliar. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 38-59, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 jun. 2021.

MENDES, Carla Silva. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 581-588, 2011.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; SOUZA, Sônia Margarida Gomes. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O social em questão**, ano XV, n. 28, p. 13-26, 2012.

REIS, Deliane Martins; PRATA, Luana C. Gonçalves; PARRA, Cláudia Regina. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil, **psicologia.pt**, Out. 2018.

SILVA, Marina Taís Gabriel; PÁDUA, Poliane Marta Rezende; GUIMARÃES, Matheus de Oliveira. Os impactos de experiências de contextos de vulnerabilidade social sobre os processos de aprendizagem: o aluno entre o enfeitamento e a escola. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 15, n. 21, 2019.

SIMÕES, Emília Danielle França. As dificuldades de aprendizagem e a vulnerabilidade social. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 3037-3046, 2020.